

Uni-FACEF CENTRO UNIVERSITÁRIO MUNICIPAL DE FRANCA

CAROLINA FERNANDES PACHECO

**ANÁLISE DO DESEMPENHO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS NA
BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA NO PERÍODO DE 2010 A 2015.**

**FRANCA
2018**

CAROLINA FERNANDES PACHECO

**ANÁLISE DO DESEMPENHO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS NA
BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA NO PERÍODO DE 2010 A 2015.**

Monografia apresentada ao Uni-FACEF
Centro Universitário Municipal de Franca
para obtenção do título de bacharel em
Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Ms. Márcio Benevides
Lessa.

**FRANCA
2018**

CAROLINA FERNANDES PACHECO

**ANÁLISE DO DESEMPENHO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS NA
BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA NO PERÍODO DE 2010 A 2015.**

Monografia apresentada ao Uni-FACEF
Centro Universitário Municipal de Franca
para obtenção do título de bacharel em
Ciências Econômicas.

Franca, 30 de outubro de 2018.

Orientador: _____

Nome: Prof. Ms. Márcio Benevides Lessa

Instituição: Uni-FACEF Centro Universitário de Franca

Examinador (a): _____

Nome: Prof. Ms. Carlos Bruno Bettarello

Instituição: Uni-FACEF Centro Universitário de Franca

Examinador(a): _____

Nome: Prod. Dra. Ana Tereza Jacinto Teixeira

Instituição: Uni-FACEF Centro Universitário de Franca

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, aos meus pais, irmãos, amigos, professores e familiares pela dedicação, apoio, compreensão e, sobretudo pela fé depositada em mim durante todos esses anos de vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

- A Deus por ter me dado força e saúde para superar os desafios e dificuldades;

- Aos meus pais Marcelo Meirelles Pacheco e Rita Fernandes Rosa Pacheco, meus irmãos Artur Fernandes Pacheco e Gabriel Fernandes Pacheco e meus amigos Bruno e Amanda pelo apoio e compreensão;

- Ao meu orientador, o prof. Ms. Márcio Benevides Lessa por acreditar e apoiar durante todo o desenvolvimento deste projeto;

- A este Centro Universitário, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram um horizonte de mérito e ética aqui presente;

- A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação;

Muito obrigada!

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura um encontro.

Fernando Sabino

RESUMO

O tema de pesquisa diz respeito a participação dos produtos agrícolas na balança comercial brasileira. O objetivo geral procura avaliar os produtos agrícolas que compõem a balança comercial e sua importância para melhorar no crescimento interno do país, com base na formação econômica e histórica do Brasil e do volume que os produtos agrícolas tem na mesma. Explica-se o porquê do Brasil ter se tornado o celeiro do mundo. Faz-se assim, ao final um comparativo entre o período de 2010 a 2015 da evolução da balança atrelado com seu governo da época e pontuando especificamente a importância da exportação para o desenvolvimento da economia brasileira. Este trabalho utiliza-se da metodologia dedutiva, valendo-se de uma estrutura quantitativa, sendo analisado e ressaltado dados retirados de sites oficiais, onde mostram os principais produtos agrícolas e o peso de cada um deles na balança comercial.

PALAVRAS-CHAVE: *Produtos agrícolas. Balança comercial. Exportação.*

ABSTRACT

The research theme concerns the participation of agricultural products in the Brazilian trade balance. The overall objective is to evaluate the agricultural products that make up the trade balance and its importance to improve the country's internal growth, based on the economic and historical formation of Brazil and the volume of agricultural products in it. It explains why Brazil has become the barn of the world. Thus, in the end, a comparison is made between the period from 2010 to 2015 of the evolution of the balance linked with its epoch government and specifically stating the importance of exports for the development of the Brazilian economy. This work uses the deductive methodology, using a quantitative structure, being analyzed and highlighted data taken from official sites, where they show the main agricultural products and the weight of each of them in the trade balance.

KEYWORDS: *Agricultural products. Balance of trade. Export.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico da taxa de crescimento anual do PIB – Brasil – 2000 a 2017.....	30
Figura 2: Gráfico da inflação acumulada IPCA – Brasil - 1998 a 2017.	31
.....	31
Figura 3: Gráfico da balança comercial brasileira - Exportações. 10/2003 a 05/2018.....	35
Figura 4: Gráfico da participação dos principais gêneros agrícolas nas exposições brasileiras. Acumulado de 2010 e 2015 – (em US\$).....	39

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1: Cotação do dólar em relação ao real – Brasil - 2010 a 2015.....	32
Quadro 1: Possíveis comportamentos da balança comercial.	34
Tabela 2: Comportamento da balança comercial - Brasil - 2010 a 2015 (em bi de dólares)	37
Tabela 3: Exportação dos principais gêneros agrícolas nas - Brasil - 2010 a 2015 - (em bi dólares).	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O BRASIL COMO UM PAÍS AGRÍCOLA.....	14
1.1 BRASIL COLONIAL	14
2. O PAPEL DAS EXPORTAÇÕES NA ECONOMIA.....	20
2.1 COMO O BRASIL SE TORNOU O CELEIRO DO MUNDO	20
2.2 A REVOLUÇÃO VERDE	23
2.3 AS TERRAS DO CENTRO-OESTE BRASILEIRO.....	27
3. ANÁLISE DA BALANÇA COMERCIAL AGRÍCOLA.....	29
3.1 O GOVERNO BRASILEIRO DE 2010 A 2015	29
3.2 VALOR DO DÓLAR DE 2010 A 2015	32
3.3 A BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA DE 2010 A 2015	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

O sistema econômico, no qual o Brasil encontra-se inserido, recentemente passou e continua a passar por notáveis transformações, inclusive no que tange à evolução dos produtos agrícolas, abrindo possibilidades de sua maior participação no cenário internacional.

Ademais, a presente pesquisa vem propor uma análise da influência que os produtos agrícolas produzidos no país, destinados à exportação, representam no crescimento nacional, bem como, seus reflexos na balança comercial brasileira.

Notadamente, o Brasil se destaca no mercado externo por ser um dos principais fornecedores de produtos primários, porém, exsurge os seguintes questionamentos: quais as vantagens e os objetivos deste setor? Qual a participação e importância da exportação dos produtos agrícolas para a economia brasileira?

Uma vez que trata-se de pesquisa qualitativa para o desenvolvimento do referencial teórico e quantitativa para a comprovação da hipótese, mister se faz a consulta de obras, relatórios, publicações de órgãos oficiais e notícias acerca do setor econômico em análise.

Inicialmente, destaca-se no primeiro capítulo uma abordagem histórica do país, partindo do período denominado de Brasil Colonial, permitindo-se identificar a maneira pela qual foram desenvolvidas as atividades agrícolas e comerciais entre a colônia brasileira e a metrópole portuguesa, bem como sua distribuição para restante do mundo, valendo-se da terra como instrumento essencial de obtenção de lucro e meio de sobrevivência da civilização. Ademais, são abordados os ciclos econômicos brasileiros neste período, tais como: o ciclo do açúcar, o ciclo do ouro, o renascimento agrícola e a produção cafeeira – no seu início.

No segundo capítulo, aborda-se as relações do comércio exterior brasileiro com os demais países do mundo, cenário que ainda trás grande rentabilidade econômica ao país. Destaca-se, ainda, a importância do papel da exportação, para o crescimento e desenvolvimento da economia interna do Brasil, coerente com a participação da agricultura voltada para o comércio exterior. Deste

modo, ao longo da pesquisa identifica-se a maneira pela qual as relações internacionais são fatores determinantes na economia brasileira, assim como as transações no mercado externo e o seu reflexo macroeconômico.

O terceiro capítulo, por sua vez, estabelece a análise econômica do setor em estudo no período compreendido entre 2010 e 2015, a qual levou em consideração desde o governo vigente à época, bem como, os dados de importação e exportação, seu impacto na balança comercial assim como seu comportamento.

Deste modo, ao avaliar o conjunto histórico e econômico do Brasil, pode-se perceber o quão importante é o desenvolvimento da agricultura e também, a comercialização dos produtos agrícolas no cenário internacional.

1. O BRASIL COMO UM PAÍS AGRÍCOLA

Para dar início ao estudo, mister se faz entender a formação econômica do Brasil, através de uma abordagem histórica ao longo do ciclo econômico do país. Portanto, para a completude do estudo, fez-se necessária uma breve abordagem acerca do Brasil colônia, do ciclo da cana de açúcar e do renascimento agrícola - **após o ciclo do ouro e o ciclo do café** -.

1.1 BRASIL COLONIAL

É de relevante importância o estudo do contexto histórico, o qual envolve a formação econômica do Brasil e sua relação com os demais países. Para o desenvolvimento agrícola dos países do Continente Americano, entre os séculos XV e XVI, a participação do mercado europeu exerceu papel fundamental, sendo um dos principais responsáveis pelo fomento do desenvolvimento agrícola no país.

Lacerda (2003), conceitua Mercantilismo da seguinte maneira:

[...] A política mercantilista sustentava o projeto do capitalismo comercial. Recomendava a busca de superávit da balança comercial e do balanço de pagamentos, o controle da oferta das mercadorias para maximizar os lucros e a organização das Companhias de comércio Monopolista, que criavam leis, tarifas, selos e outras medidas para viabilizar os negócios. (LACERDA, 2003, p. 8)

Insta ressaltar que o tipo de colonização que foi estabelecida no Brasil foi a colonização de exploração, em virtude da falta de capital humano português para a implantação da colonização de povoamento. Houve grande monopólio do comércio pelos portugueses durante a chegada dos colonos.

Conforme esclarece Lacerda (2003):

Inicialmente, o problema a ser resolvido dizia respeito à determinação dos gêneros que poderiam ser aproveitados no novo território. De imediato, a solução de tinturas, cujo exemplo clássico é o pau-brasil.

Posteriormente, o extrativismo viria a ser substituído pela agricultura. Sua exploração feita em grande escala, gerando unidades monocultoras com elevado número de trabalhadores. A necessidade de mão de obra abundante conheceu sua solução definitiva na escravidão africana – o tráfico negreiro, indo ao encontro das necessidades da acumulação primitiva, que conheceu na empresa mercantil, colonial e escravocrata um dos momentos da construção do modo de produção capitalista. (LACERDA, 2003, p. 7)

Ainda segundo Lacerda, com o descobrimento do território brasileiro houve a acensão da burguesia portuguesa e o Pacto Colonial. As feiras locais europeias também foram de grande importância para o desenvolvimento do sistema econômico, por proporcionarem mercado para os produtos da colônia.

Fica claro o incentivo da produção para o estímulo do comércio interno e externo, a longas distâncias, possibilitando assim a criação de uma grande escala de produção agrícola e manufatureira.

Uma das ações que faziam parte do projeto da força econômica emergente era o pacto colonial. Para o autor,

[...] o pacto colonial foi um dos elementos básicos constituintes da política econômica mercantilista. Consistia basicamente no exclusivo comercial da Metrópole em relação às suas colônias, subordinando-as por meio de um conjunto de medidas econômicas e políticas [...] (LACERDA, 2003, p. 8).

Posteriormente, a busca do ouro e da prata pelos exploradores, aumentou assim o empenho pelo saldo favorável na balança comercial por parte das metrópoles, de modo que as exportações de bens foram incentivadas, inibindo-se as importações, deste modo, resultando no crescimento do comércio com os demais países, sem deixar o monopólio das colônias de lado, mantendo a firmeza e rigidez no comércio de exploração. Desta forma alimentando cada vez mais o pacto colonial.

A exploração agrícola foi uma das maneiras encontradas pelos colonizadores para ocupar a colônia, superando a atividade extrativista que sofria na época, pois era preciso encontrar um produto que favorecesse o aumento das taxas de lucro dos investidores.

Ademais, a atividade agrícola teve maior tranquilidade em sua implantação, pois os portugueses já desempenhavam esta prática nas ilhas do Atlântico, o que justificava o domínio e conhecimento técnico.

Os países baixos, por sua vez, foram grandes investidores das atividades lucrativas na América, dentre os quais ressalta-se principalmente a Holanda, que participou com grande parte do capital. Para tanto este capital era revertido em mão de obra africana e comércio da época.

Lacerda (2003), acerca da escassez de mão de obra, esclarece:

Desde o início, o problema maior, sem sombra de dúvida, havia sido o suprimento da mão de obra; sem esse efetivo, pouco teriam valido a

experiência lusa e o capital neerlandês. Como sabemos, a mão de obra nativa brasileira, apesar de diversas tentativas não se apresentou como solução definitiva da questão. A Europa não tinha condições de sofrer grandes sangrias populacionais, principalmente para cumprir esse papel [...] Somente se a paga fosse muito boa, o colono europeu se disporia a trabalhar nos trópicos. Não era o caso, pois a própria acumulação estaria comprometida se um dos fatores essenciais da produção, a força de trabalho, exigisse remuneração elevada. (LACERDA, 2003, p. 8.)

Notadamente, o conjunto de todos os elementos descritos por Lacerda (2003) - técnica de produção, mão de obra, investimentos, mercado consumidor, tornou o empreendimento agrícola no Brasil um grande sucesso, marcando assim a colonização e proporcionando “*vantagens comparativas que determinaram a opção de ocupar o Brasil e romper a linha do Tratado de Tordesilhas*” (LACERDA, 2003, p. 13).

Quando se fala sobre os ciclos econômicos do Brasil e seus impactos, percebe-se que o desenvolvimento das regiões não **ocorreu** de maneira igualitária, pois houve um alto nível de exploração e de acumulação desigual de capital. A região que teve maior desvantagem foi a Nordeste, em contrapartida, as regiões Sul e Sudeste se sobressaíram e apresentaram um desempenho melhor ao longo do período.

A participação do ciclo da cana de açúcar, para o crescimento da economia brasileira, foi de extrema importância, uma vez que é considerado o primeiro ciclo econômico produtivo do Brasil. Sua produção no território veio a ser diferente do ciclo do pau brasil, pois a mesma vinha a ser uma atividade exploratória e não nativa-extrativista.

O ciclo do açúcar ocorreu no período compreendido entre os séculos XVI e XVII, concentrando suas atividades na região nordeste do país. A mão de obra utilizada era intensiva, de origem escrava - negra e africana inicialmente, baseando no sistema produtivo denominado de *plantation*.

O detentor do capital era denominado Senhor do Engenho. O mercado era voltado para a Metrópole - Unidirecional. No que tange à concorrência externa do produto, o açúcar passou a sofrer a concorrência do açúcar produzido nas Antilhas, após a expulsão dos holandeses do Brasil.

O cultivo da cana-de-açúcar, por sua vez, tem hoje como objetivo:

No Brasil é uma atividade que engloba centenas de usinas, milhares de agricultores e trabalhadores e um cultivo que se espalha por 8 milhões de hectares. Para manter essa engrenagem funcionando, todos os anos uma

parte dos canaviais brasileiros tem que ser replantada. Isso ocorre porque um cultivo costuma ter boa produtividade durante cinco safras. Depois, a produção tende a cair. É a hora de fazer a chamada reforma ou replantio do canavial.”¹

O grande interesse de Portugal para este cultivo no Brasil colonial **se deu** principalmente pelo farto solo produtivo, clima favorável para o plantio e ainda o início da economia brasileira a exportação para mercados externos.

A atividade da cana de açúcar começa seu declínio por volta do século XVII, onde começaram a ser notados os problemas econômicos decorrentes em virtude da concentração de renda, no qual, segundo Lacerda (2003), a dependência de uma monocultura que não permitiu a instalação de outras atividades econômicas que não fossem relativas à sobrevivência das localidades produtoras de açúcar.

Assim, surge a procura de metais preciosos, atividade já bem antiga e que **ocorreu** no início da colonização, gerando uma grande procura pela exploração das minas pelos paulistas. A extração de minérios impulsionou o fluxo migratório para a região de Minas Gerais, resultando em ciclo econômico que se dava por meio da exploração de jazidas, onde os trabalhadores escravos passavam a maior parte do tempo garimpando em busca de ouro.

Portugal, por sua vez, detinha o controle da exploração aurífera por meio da aplicação de impostos. Contudo, sabidamente, a Coroa Portuguesa não possuía meios de controle que possibilitassem mensurar a real quantidade do minério extraído, fazendo-se necessária a instalação da Casa de Fundição.

O término do ciclo do ouro provocou relevante modificação no cenário econômico do país.

Segundo Lacerda (2003):

A mineração, apesar de relativamente efêmera, ocupou um lugar de destaque na história da colônia. No período de sua vigência, foi o foco das atrações no país e cresceu em detrimento das demais atividades. Houve uma corrida ao ouro de outras regiões do país em direção a Minas Gerais, a qual alterou o quadro populacional interno, promovendo a ocupação do Centro-Oeste e a mudança do eixo econômico (que até então estava localizada nas áreas de produção açucareira). Desenvolveram-se também, na região, a agricultura e a pecuária, como atividades acessórias para a transferência da capital, em 1763, da Bahia para o Rio de Janeiro, pois as comunicações entre Minas e a Metrópole seriam estabelecidas com mais facilidade por intermédio do porto carioca. (LACERDA, 2003, p. 21).

¹ **Produtores Investem Em Técnicas Para Reduzir Custos Em Canaviais De SP.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2017/04/produtores-investem-em-tecnicas-para-reduzir-custos-em-canaviais-de-sp.html>>. Acesso: 10 nov. 2018.

Após a decadência da mineração, o Renascimento Agrícola tomou conta do Brasil, uma vez que o mesmo é marcado por sua vocação agrícola. Em virtude da existência do ciclo do ouro, houve a limitação das atividades agrícolas no Brasil.

Alguns fatores que ocasionaram o renascimento da agricultura no país, destacam-se:

- a necessidade de uma alternativa econômica para o Brasil;
- a demanda de matéria para a revolução industrial;
- a decadência da mineração;
- as alterações políticas e sociais ocorridas no mundo.

Durante a evolução agrícola, os principais produtos de exportação foram: o algodão, a cana-de-açúcar, - que acaba ressurgindo e se expandindo para diferentes regiões como por exemplo o Estado de São Paulo -, o tabaco, e o café, que, concomitantemente, começavam a se destacar.

Deste modo, a agricultura ressurgiu e retomou sua importância na economia Brasileira.

De acordo com LACERDA (2003), tal cenário gerou no Brasil um movimento do interior para a costa, assumindo um papel de colônia de exploração, mas mostrando a nova força regional, ou seja, passando a se destacar a região Centro-Sul, que, na segunda metade do século XIX, passou a liderar a produção agrícola.

O café foi um dos produtos em destaques na agricultura e, principalmente, na economia brasileira. Tendo início na região norte do país, a mesma possuía grandes condições de crescimento, pois, logo após a independência do Brasil iniciou-se seu cultivo na região sudeste.

De acordo com Rego e Marques, (2003):

Visto que a formação da lavoura e a produção de café necessitavam de financiamento, coube ao comerciante ocupar o espaço deixado pela inexistência de vínculos diretos entre o fazendeiro e os bancos. Também a lavoura de café do início do século XX não enfrentou nenhuma crise mais séria de escassez de mão de obra. O mercado de trabalho para a produção funcionava adequadamente, pois a questão da mão de obra fora resolvida a partir da década de 1870, com a abundante imigração européia. Além disso, a terra não constituía obstáculo à expansão da produção do café, já que vastas regiões do Estado de São Paulo encontravam-se desocupadas,

podendo vir a ser cultivadas no futuro, ainda mais na presença de uma rede ferroviária que se expandia à medida que a ocupação das terras novas se tornava necessária. (REGO E MARQUES, 2003, p. 136)

Notadamente, durante um grande período, a economia cafeeira se sustentava simplesmente pela comercialização do produto pelos comerciantes, produto este que, ao longo do século XIX, se sustentava pela mão-de-obra escrava. Os fazendeiros e produtores de café dependiam integralmente dos comerciantes para obter recursos e dar continuidade no processo produtivo do café.

Sobre a diferenciação de um comerciante comum e um comerciante de café, insta ressaltar que o último financiava a lavoura de café:

Como em qualquer atividade produtiva no sistema capitalista, seria razoável supor que a principal fonte de financiamento de capital residisse nos lucros gerados na própria produção, ou, em outras palavras no auto financiamento. (REGO E MARQUES, 2003, p. 136).

Desta forma, dava-se importância para a relação comerciante e fazendeiro, pois, não se tratava apenas de uma relação comercial, mas sim de uma relação de financiamento, a qual era de extrema importância para o cultivo. A função do comerciante era clara conforme esclarecem Rego e Marques, (2003, p. 136) “*cabia ao comerciante a função de prover o fazendeiro de recursos necessários para a formação da lavoura e para a colheita e o trato do cafezal.*”

Tal cenário se dava frente à ausência de um sistema bancário. Deste modo, o comerciante assumia tal função e assim, o café dava origem a grandes negócios.

Segundo Rego e Marques (2003):

[...] Sendo o produto uma das mercadorias de maior valor bi cenário internacional, era na esfera da comercialização que se realizavam os grandes negócios, acumulavam-se fortunas ao fazendeiro, mas seguramente, menores que aqueles auferidos na sua comercialização, não apenas no âmbito doméstico, mas também, e sobretudo, nas exportações. (REGO E MARQUES, 2003, p. 140).

Notadamente, diante da construção histórica do Brasil, pode-se observar as dificuldades que o país encontrou ao longo do período para o desenvolvimento de suas atividades, em virtude de ter sido uma colônia de exploração, porém conseguiu vencer os desafios surgidos do renascimento de sua agricultura.

2. O PAPEL DAS EXPORTAÇÕES NA ECONOMIA

Para melhor compreender o cenário atual da agricultura e sua importância no desenvolvimento da economia e da sociedade, é fundamental conhecer a maneira pela qual a mesma evoluiu ao longo da história.

A abordagem foi feita visando destacar alguns itens:

- A importância das exportações, em especial as agrícolas;
- A revolução verde, e a forma como se deu a expansão das terras do centro-oeste brasileiro;
- A importância da Embrapa;
- Os incentivos do governo para a produção agrícola e a implantação das técnicas produtivas.

Com isso, o presente capítulo descreve o papel da evolução agrícola juntamente com a exportação.

Conforme estudo feito em capítulo anterior, a economia brasileira, antes de ser reconhecida no âmbito internacional pela exportação de seus inúmeros produtos agrícolas, passou por várias fases de transição nos meios de produção, no cultivo, e também nas práticas comerciais. As relações externas do Brasil são um dos fatores que mais movimentam a economia e desenvolvem o país, uma vez que a mesma possibilita o atendimento do seu mercado interno e externo, comercializando assim sua produção com na esfera internacional.

2.1 COMO O BRASIL SE TORNOU O CELEIRO DO MUNDO

A enorme tendência de crescimento agrícola encontrada no Brasil aumenta cada vez mais suas atividades exportadoras, desenvolvendo assim variadas técnicas de produção.

O progresso da agricultura teve origem na Antiguidade, como explica Romero (1998):

Desde a pré-história o cultivo da terra tem ocupado o centro das atenções do homem. No passado significou o centro das atenções da espécie no planeta Terra, constituindo seu primeiro ato histórico rumo a humanização. (ROMERO, 1998 p. 14).

No início da civilização humana, os homens viviam em grupos e sua sobrevivência dependia de um alto fluxo migratório entre as regiões em busca de alimentos, o que deu origem ao termo *nômades*. Seu hábito natural de deslocamento entre diferentes regiões variava conforme sua necessidade por moradia e, principalmente, por alimentação, a qual limitava-se à busca de alimentos oferecidos pela própria natureza.

Na época a humanidade não tinha domínio das técnicas de cultivo, produção agrícola ou mesmo armazenamento de alimentos, bem como a troca entre eles (conhecida por escambo).

Os bandos humanos eram nômades, isto é, viviam em constante movimento, a procura de alimentos. Seus refúgios era temporários quer fossem árvores, cavernas ou toscas coberturas de galhos e folhas. O roteiro seguindo por esses bandos era condicionado pelo meio ambiente e pelas espécies das quais se alimentava, formando um ciclo regular que os trazia de volta aos mesmo lugares nas mesmas época do ano. (MAGALHÃES FILHO, 1973, p. 13).

Em seus estudos, Fontana (2000) afirma que a introdução da agricultura pode ser tratada como algo complexo, pois, em sua obra, afirma que a mudança de hábito do homem não acarretou uma melhora, uma vez que a mesma trouxe como consequência a diminuição na qualidade de vida, com o surgimento de doenças, acúmulo centralizado de atividades, redução na perspectiva de vida, e a violência como consequência da apropriação de território.

Segundo Fontana (2000):

Os primeiros focos de uma agricultura autossuficiente ocorreram nas férteis terras úmidas da Mesopotâmia e do vale do Nilo, enquanto que, nas zonas semi-áridas do oriente próximo e da Europa [...] desenvolveu-se, principalmente, uma agricultura itinerante, em terras subtraídas da mata, que eram abandonadas e trocadas por outras quando, após algumas colheitas, pediam sua fertilidade (FONTANA, 2000, p. 112).

No mercado atual, a produção agrícola desenvolvida na Antiguidade e modernizada ao longo do tempo tem um peso fundamental no desenvolvimento da economia.

As exportações exercem grande papel na economia brasileira, pois trouxeram ao mercado interno e, segundo Abreu (2015) em “A importância das exportações”, as exportações trouxeram para o mercado brasileiro a competição internacional e desafiou nossos agricultores a ombrearem com os melhores do mundo

Assim, afirma-se de maneira inquestionável que exportar é necessário, pois, amplia não só o setor da agricultura, mas fomenta a economia em geral. Notadamente, um mercado com o potencial e o porte do mercado brasileiro possui capacidade de abastecimento dos mercados interno e externo, sempre aliados à uma forte logística de distribuição, gerando renda, emprego, tecnologia, fomentando a sustentabilidade do país, trazendo desenvolvimento econômico e social.

Ana Caroline, em pesquisa realizada pela autora, através dos estudos realizados por Araujo (2010) afirma:

*o agronegócio brasileiro tem grande importância na Balança Comercial, participando com mais de 36% da pauta de exportações e sendo altamente superavitário, de modo a contribuir para evitar os déficits comerciais do Brasil.*²

De acordo com a reportagem apresentada pelo Jornal Estadão, no dia 6 de março de 2010, na qual se abordou o grande crescimento da exportação dos produtos agrícolas brasileiros em relação a outros países: Canadá, Austrália e China. A reportagem concluiu que somente encontram-se à frente do Brasil os Estados Unidos e União Europeia.

A cada ano, O Brasil vem passando por uma série de transformações, que proporcionam maior competitividade com as grandes potências mundiais, garantindo o avanço da agricultura, conforme expõe o Jornal Estadão (2010):

*[...] nos últimos anos: recursos naturais (solo, água e luz) abundante, diversidade de produtos, um câmbio relativamente favorável até 2006 (depois a valorização do real prejudicou a rentabilidade), o aumento da demanda dos países asiáticos e o crescimento da produtividade das lavouras.*³

Insta ressaltar que as terras brasileiras favorecem a produção e o cultivo da agricultura, em entrevista concedida ao jornal Estadão, o sócio-diretor da MB Agro, Alexandre Mendonça de Barros (2010), afirma que “*o Brasil hoje é a única grande agricultura tropical do planeta*”.

Tal característica merece destaque em virtude do melhor aproveitamento da terra, possibilitando a diversidade de produtos o demonstra cada vez mais o motivo pelo qual o Brasil se tornou o celeiro do mundo.

² ARAUJO, M. J. **Fundamentos de Agronegócios**. 3 Ed. São Paulo. Editora: Atlas. 2010. P. 18.

³ **Brasil Supera Canadá e se Torna Maior Exportador Agrícola**. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-supera-canada-e-se-torna-o-terceiro-maior-exportador-agricola,520620>>. Citação Online?>. Acesso: 20 nov. 2018.

O Jornal Estadão (2010) ainda afirma que, em pesquisa realizada pela Embrapa, constatou-se o crescimento da população rural brasileira, em virtude do crescimento do cultivo da agricultura, onde, em dados registrados entre os períodos de 1990 e 2009, a área de plantação de grãos no País subiu 1,7% ao ano, mas a produção cresceu 4,7%, o que demonstra a importância da atividade agropecuária para o desenvolvimento interno da economia brasileira.

De acordo com o Jornal:

tivemos uma forte expansão da produtividade e um aumento da área plantada entre 2000 e 2005, disse o diretor do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais [...].⁴

Cumprе ressaltar que o Brasil, além de fazer parte da maior cadeia de produção de produtos agrícolas do mundo, contribui para o suprimento da demanda externa por produtos dessa natureza.

2.2 A REVOLUÇÃO VERDE

Em meados da primeira metade do século XX, os avanços da indústria agrícola e das pesquisas nas áreas químicas, mecânica e genética resultaram em uma das fases de maior transformação na história da agricultura, ficando conhecida como Revolução Verde, que nada mais é do que a ampliação da produção agrícola.

Segundo Romero, (1998) “*um aprofundamento e um símbolo da modernização agrária ocorridas nos 30 anos anteriores.*”

Ademais, segundo esclarece Miguel, 2009:

A expansão da motomecanização agrícola intensificou-se entre as duas guerras mundiais nos grandes espaços das colônias de povoamento europeu estabelecidas em diferentes regiões temperadas do mundo (Estados Unidos, Canadá, Austrália, Argentina...) e, em menos escala, nas regiões de grande cultura da Europa. [...]. No século XIX, os adubos minerais (ou químicos) começaram a ser utilizados na Europa ocidental. No princípio do século XX, seu uso progrediu nos países industrializados, mas só se difundiu após a Segunda Guerra Mundial. (MIGUEL, 2009, p. 125).

⁴ **Brasil Supera Canadá e se Torna Maior Exportador Agrícola.** Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-supera-canada-e-se-torna-o-terceiro-maior-exportador-agricola,520620>>. Acesso: 20 nov. 2018.

Na década de 1960 houve uma reviravolta a qual quase levou o governo da época optar pela agricultura familiar, porém, os interesses contrapostos dos latifundiários frearam esta decisão.

De acordo com Romero (1998):

Tais interesses encontraram fortes aliados na burguesia industrial e nos militares, os quais, a partir do golpe militar de 1964, levaram à prática o projeto dos latifundiários. Desse modo, descartou-se a perspectiva de favorecer a agricultura familiar na produção agropecuária. (ROMERO, 1998, p.29).

No Brasil, segundo Romero (1998):

O processo brasileiro de modernização agrária favoreceu, por meio de créditos subsidiados, os proprietários latifundiários e patronais, deixando de lado a agricultura familiar. Esse caráter excludente ampliou a concentração da posse da terra e de riquezas, além de agravar as disparidades regionais. Ao mesmo tempo, a modernização provocou a transformação da mão-de-obra familiar em assalariado temporário, agravando o problema do desemprego e do subemprego volante. Como consequência, ocorreram intensas migrações do campo para as capitais mas também de pessoas. [...] A intensa transferência do campo para a cidade, associada a um processo de industrialização poupados de mão-de-obra, fez crescer a sub ocupação, o desemprego e a marginalidade na periferia das cidades. (ROMERO, 1998, p.28).

Durante a mudança do governo, a ditadura militar no Brasil - a qual teve duração de pouco mais de vinte anos - *“a saída encontrada pelas populações rurais excedentes foi o movimento migratório, principalmente para as regiões de fronteira, nas quais procuravam se fixar como posseiros.”* (ROMERO, 1998, p. 29).

Com a chegada da Revolução Verde, na década de 50 houve grandes mudanças na manutenção da agricultura no Brasil. Ela pode ser considerada como uma política de ampliação da produção agrícola.

Na época, sob o cenário da Guerra Fria, de um lado os EUA capitalista, de outro, a URSS liderando o bloco do socialismo, fez-se necessária a intervenção da ONU, a qual era basicamente subsidiada pelo governo americano, dando início à promoção da política de ampliação agrícola, onde, ONU e EUA começaram a fomentar e desenvolver a produção agrícola principalmente em países subdesenvolvidos, conforme fala de Romero (1998):

No Final da década de 1970, os avanços do setor industrial agrícola e das pesquisas pesquisas na área química, mecânica e genética culminaram com um dos períodos de maiores transformações na história recente da agricultura e da agronomia, que ficou conhecida como Revolução Verde –

um aprofundamento e um símbolo da modernização agrária ocorrido nos 30 anos anteriores.

A revolução verde estava fundamentada na melhoria da produtividade agrícola, por meio da substituição das formas de produção tradicionais por um conjunto homogêneo de práticas tecnológicas. Nessas práticas incluem-se variedades vegetais geneticamente melhoradas, muito exigentes em fertilizantes em fertilizantes químicos de alta solubilidade, agrotóxicos com maior poder biocida, irrigação e motomecanização. O conjunto dessas tecnologias propiciou à Europa e ainda mais aos Estados Unidos, as condições necessárias à adoção em larga escala dos sistemas de monoculturas. (ROMERO, 1998, p.60).

De acordo com Brum e Muller, (2008):

Liderada pelo agrônomo Norman Bourlang e conhecida como Revolução Verde [...], incorporando as novas técnicas de produção, a motorização, a mecanização, a utilização de produtos químicos, etc. Tais técnicas aperfeiçoadas permitiam o tratamento dos solos, de forma adequada a cada produto, e a utilização de máquinas movidas motor de combustão, que realizavam o trabalho em menos tempo e com o emprego de menor mão-de-obra. (BRUM E MULLER, 2008).

O fim social da Revolução Verde era dar cabo ao problema da fome em escala global, através de políticas de melhoria e ampliação da produção agrícola, as quais se deram por meio da modernização das práticas agrícolas pelos fazendeiros, como cita em sua obra Romero (1998):

O impacto da revolução verde no aumento da produção total na agricultura foi sem dúvida um sucesso. Entre 1950 e 1985, a produção mundial de cereais passou de 700 milhões para 1.8 bilhões de toneladas, uma taxa de crescimento anual de 2,7%. A produção alimentar dobrou entre 1950 e 1984 e a disponibilidade de alimento por problemas da fome no mundo seriam resolvidos pelas novas descobertas agronômicas e pelo funcionamento desse tipo de produção. (ROMERO, 1998, p.61).

A criação da Revolução Verde de certa forma era também definida pela ONU, objetivando eliminar o problema da fome nos países subdesenvolvidos, de modo que, caso houvesse uma rebelião desses países durante a guerra, eles se sujeitariam à uma aliança “forçada” com os EUA, assim, diminuiriam a influência dos socialistas. Portanto, através deste *modus operandi* ocorreu a ampliação da produção agrícola com a consequente modernização das práticas agrícolas em diversos países.

Todo esse “saber” agrônomo associado à revolução verde teve como principal foco de distribuição os Estados Unidos. As Empresas multinacionais (na sua maioria de capital norte-americano) encarregaram-se de expandir esse pacote de produção agrária por toda a América Latina, para dar continuidade ao desenvolvimento dos complexos agroindustriais na

década de 1970. Ou seja, para integrar o processamento industrial e a produção de matérias primas de origem agrária. (ROMERO, 1998, p.61).

A modernização das práticas agrícola se dá por meio de adubos químicos, sementes selecionadas, uso de inseticidas, técnicas de irrigação artificial e através da mecanização. A produção agrícola apontou primeiramente para a produção de trigo e milho, sempre tentando evitar as ameaças socialistas.

Logo depois, tem-se a produção de arroz.

O Brasil esteve entre os destinatários desses pacotes tecnológicos. Nos anos 70, em meio à euforia do “milagre econômico” promovido pelo regime militar, a adoção do padrão tecnológico gerado pela segunda revolução agrícola – e levado ao seu auge pela revolução verde – significou a abertura de um extenso mercado de máquinas, implementos, sementes e insumos agroquímicos. A estratégia agrícola expressa no primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento (17/12/1971) consistia em “desenvolver uma agricultura moderna de base empresarial que alcance condições de competitividade internacional em todos os principais produtos. (ROMERO, 1998, p.61).

Dentre as inovações tecnológicas do movimento:

O próprio termo deriva da capacitação científica para o desenvolvimento de variedades vegetais “melhoradas”, também chamados de variedades “de alto desempenho”, aptas a apresentar elevados níveis de produtividade. Essas práticas possibilitaram, inicialmente, maior independência em relação às condições naturais do meio, como também a possibilidade de modificar e controlar os processos biológicos que determinam o crescimento e o rendimento das plantas. Nos EUA, por exemplo, algumas variedades de trigo e de arroz chegaram a apresentar rendimento cinco vezes superior aos de variedades tradicionais. No que se refere ao aumento da produção total da agricultura, a Revolução Verde foi, sem dúvida, um sucesso. (ROMERO, 1998, p.63).

Apesar de toda a técnica agrícola implantada, infelizmente, não cessou o problema da fome no mundo, aumentou sim a produtividade, porém, a mesma é destinada basicamente à exportação, abastecendo assim as nações mais ricas. A produtividade aumentou, porém a disponibilidade de alimento não.

Uma das consequências da Revolução Verde foi o crescimento de crédito agrícola para a importação de insumos, maquinário e para a capacitação técnica.

Romero (1998), por sua vez, esclarece:

Nesse leque de instrumentos, o crédito agrícola teve papel fundamental. O governo criou linhas de crédito ligadas à compra de insumos agropecuários, mecanismos que ampliou a dependência do setor produtivo agrícola em relação ao setor produtivo de insumos. A agricultura passou a exercer uma nova função função, a de criar mercado para a indústria de insumos agrícolas. A princípio, esses produtos vinham do exterior mas, desde o final da década de 1960, a demanda do mercado já era atendida pelas indústrias

instaladas no país para substituir as crescentes importações. (ROMERO, 1998 p. 62).

A produção agrícola, bem como as melhorias genéticas e avanços **tecnológicos**, tornaram a produção cada vez mais próxima da monocultura. Outra consequência da Revolução Verde foi a utilização da semente para a produção dos alimentos transgênicos. No Brasil, a modernização contribuiu com o aumento do desemprego e do subemprego sazonal em várias regiões do país.

Em suma, o processo da Revolução Verde no Brasil teve como consequência maior o favorecimento por meio de crédito subsidiado os proprietários latifundiários, deste modo, prejudicando e deixando de lado a agricultura familiar, a qual era presente à época. Assim, sem emprego na zona rural houve um grande volume de migração para os maiores centros urbanos - os quais eram industrializados -, onde havia maior concentração de capital, bem como, maior densidade populacional.

2.3 AS TERRAS DO CENTRO-OESTE BRASILEIRO

A política de ocupação das terras do Centro-Oeste **iniciou-se** por meio de incentivos fiscais, trazendo grande progresso para a região, conforme afirma Alves Filho (2013):

O crescimento da produção de soja, cana-de-açúcar e pecuária bovina no Centro-Oeste do Brasil, registrado em anos recentes, se deu principalmente por causa da ocupação de novas áreas. Como consequência do avanço da fronteira agrícola, a região tem registrado a substituição de culturas, a degradação de solo e o desflorestamento. (ALVES FILHO, 2013).

Com a implantação da agropecuária na região, havia oferta de empregos para a população e desenvolvimento econômico regional, o que só foi possível através das políticas de incentivo fiscal que beneficiaram os produtores. Algumas das medidas de incentivo consistiam em subsídios, isenção de impostos e, até mesmo, terras cedidas pela prefeitura.

A expansão das terras do Centro-Oeste trouxe não apenas desenvolvimento para a economia, mas também, o avanço da tecnologia na produção agrícola e a diversificação de terras para seu cultivo, ou seja, um maior aproveitamento do solo em outras regiões.

Segundo Alves Filho (2013):

De acordo com Vivian, embora o rendimento das três atividades tenha aumentado, em razão da adoção de manejos adequados e de tecnologias avançadas, como o uso de novos cultivares, é a ocupação de novas áreas que tem impulsionado o crescimento da produção no Centro-Oeste. O avanço em direção à região, conforme a pesquisadora, tem sido estimulado por diversos fatores. Entre eles está a disponibilidade de terras. “São Paulo continua sendo o maior produtor de cana-de-açúcar do país, mas o Estado já está saturado. Assim, a alternativa encontrada pelas usinas para atender à crescente demanda por etanol, por exemplo, é levar a cultura para outras áreas, notadamente os estados do Centro-Oeste”. (MANUEL ALVES FILHO, 2013).

Um vez compreendidos os principais marcos históricos do processo de evolução agrícola, constata-se que o homem se encontra em constante mudança no seio social, aperfeiçoando dia-a-dia suas técnicas.

3. ANÁLISE DA BALANÇA COMERCIAL AGRÍCOLA

Conforme mencionado anteriormente, a agricultura brasileira tem alcançado cada vez mais espaço nos mercados interno e externo, com altos índices de produtividade, vêm garantindo ao Brasil posição de destaque no cenário internacional como produtor de alimentos, contribuindo cada vez mais para o desenvolvimento econômico do país.

Deste modo, delimitou-se o período de 2010 e 2015 para análise dos resultados da balança comercial e do governo vigente à época, o valor do dólar, uma análise dos cinco principais produtos exportados juntamente com uma comparação entre a balança comercial agrícola e a balança comercial geral.

3.1 O GOVERNO BRASILEIRO DE 2010 A 2015

O período de cinco anos escolhido para o presente estudo deve-se à importância e relevância da agricultura na Balança Comercial brasileira foi de 2010 a 2015, onde o governo vigente à época era regido pela presidente Dilma Rousseff, a primeira mulher a comandar o país após trinta e seis presidentes homens. (GOVERNO DO BRASIL, 2017).

Escolhida por Lula para lhe suceder, Dilma se candidatou à Presidência da República nas eleições de 2010. Ela venceu com 56,05% dos votos e se tornou a primeira mulher a comandar o país. Sua Presidência ficou marcada por uma série de medidas intervencionistas na economia. Ela promoveu a queda dos juros, desonerou diversos setores da economia e promoveu a mudança de contratos com concessionárias de energia para derrubar o preço da conta de luz. Ainda em seu primeiro mandato, Dilma enfrentou denúncias de corrupção em sua base governamental. (SITE GOVERNO DO BRASIL, 2017).

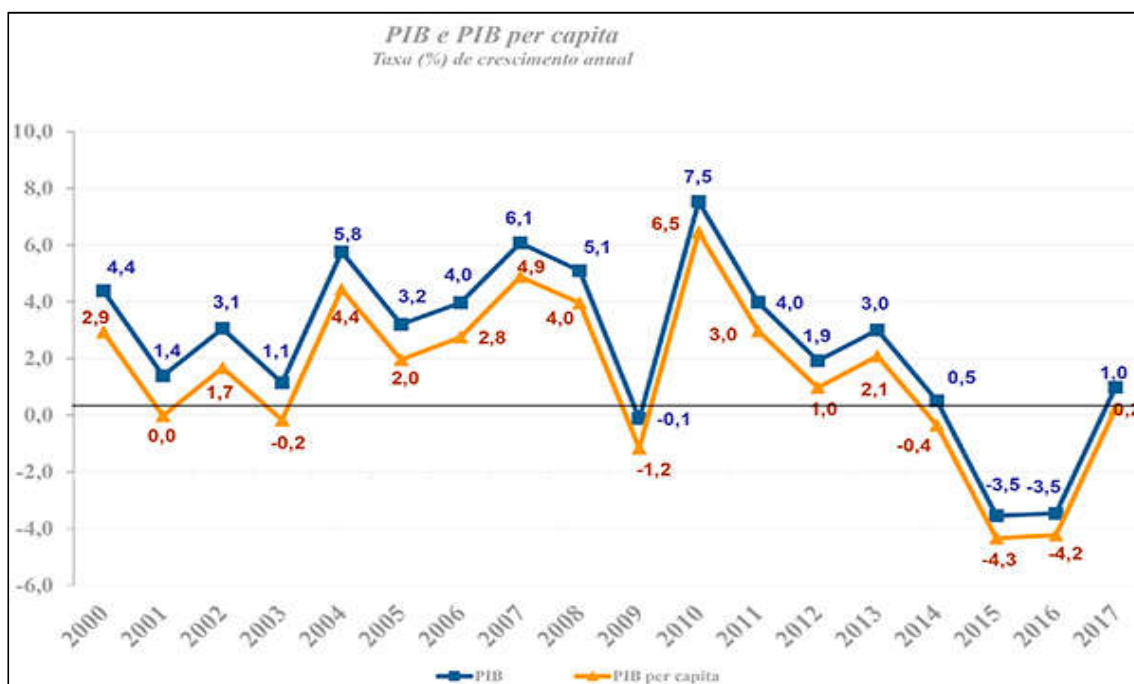
Após quatro anos de mandato, Dilma então se reelege com 51,6% dos votos para novamente assumir o cargo de presidente, em 2014. Sua popularidade começou a declinar já no fim do primeiro mandato, onde a população demonstrava indícios de insatisfação com seu governo.

Com baixa popularidade e falta de apoio no Congresso, Dilma enfrentou um difícil começo de mandato. As políticas econômicas adotadas no primeiro mandato não funcionaram. Os juros voltaram a subir, o valor da conta de luz disparou. A Operação Lava Jato, deflagrada pela Polícia Federal, atingiu

importantes nomes do governo, incluindo o ex-presidente Lula. O governo tentou adotar medidas impopulares, como ajuste fiscal e aumento de impostos, e enfrentou oposição do Congresso. Manifestantes foram às ruas pedir o impeachment da presidente. (GOVERNO DO BRASIL, 2017).

Com a recessão da economia no segundo governo Dilma, fica claro a diminuição do PIB (produto Interno Bruto) do Brasil, fechando 2015 com uma queda de 26,876, ou seja, uma queda de 4,6% em relação 2014.

Figura 1 - Gráfico da taxa de crescimento anual do PIB – Brasil – 2000 a 2017.



Fonte: Exame.com.

Além da alta queda do PIB, pode-se citar como parte do então governo da presidente o alto índice de desemprego que saltou de 5,30%, em 2010, para 8,20%, no segundo mandato em 2016 (fevereiro).

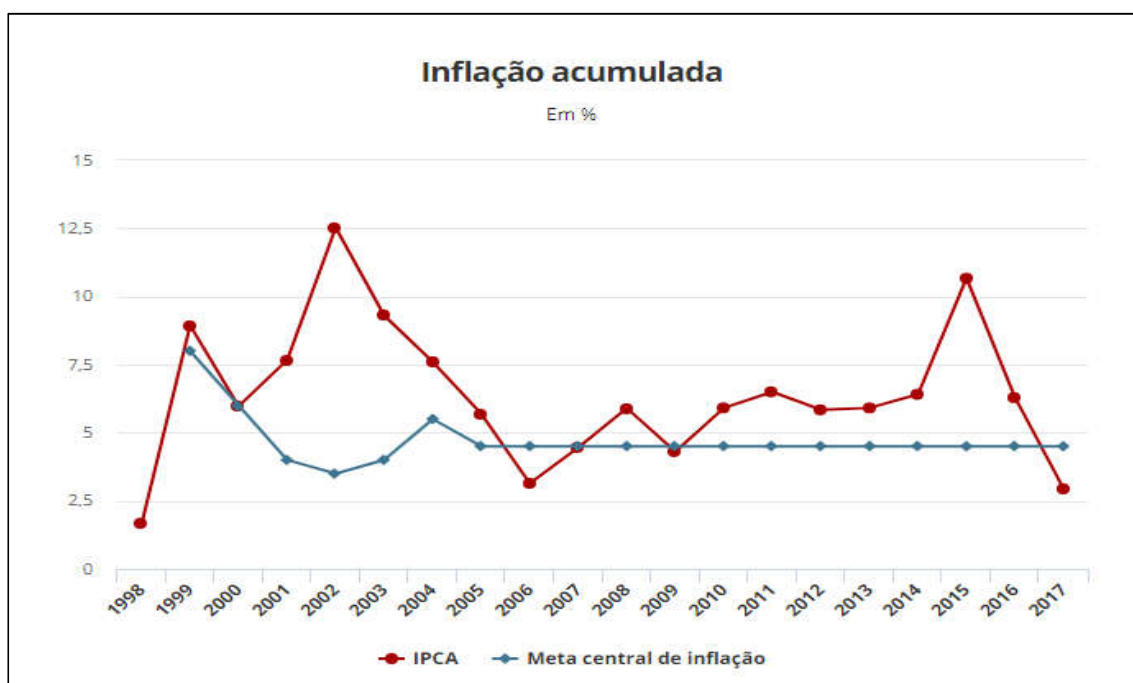
Portanto, Dilma recebeu o País com crescimento em 7,53% ao ano, ou com uma média de 4,64% ao ano nos quatro anos anteriores, e, nunca mais chegou a esse patamar. Deixando agora o poder com um grande desaquecimento da economia. (ESTADÃO, 2016).

Outro dado que chama atenção neste período é o da inflação, uma análise acerca do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), onde em seu primeiro mandato termina em 6,40% e no segundo mandato em 2015 a inflação saltou para 10,67% com a expectativa de fechar o ano de 2016 na casa dos 7%.

Dilma assumiu o poder em 2011 com inflação de 5,90% ao ano e agora entrega para Temer uma taxa acumulada, nos últimos 12 meses, de 9,28%

Aqui cabe destacar um detalhe, a sequência de alta da inflação na era Dilma: 5,83% ao ano em 2012, 5,91% a ano em 2013, 6,40% ao ano em 2014 e 10,67% ao ano em 2015. Descontrole total do governo, que, em 2013, resolveu segurar a inflação na canetada, com o represamento da tarifa de energia. Conta que acabamos pagando em 2015. E também devido ao aumento mais do que esperado dos preços dos alimentos, causado pela forte exportação de algumas mercadorias que produzimos, mesclado com desvalorização do real e o aumento de alguns produtos no mundo. (ESTADÃO ONLINE, 2016).

Figura 2 - Gráfico da inflação acumulada IPCA – Brasil - 1998 a 2017.



Fonte: cacb.br

Em março de 2016, com a baixa popularidade e sem apoio no Congresso, a então presidente Dilma sofre o *impeachment* por causa das chamadas “pedaladas fiscais” - manobras que o governo faz para maquiar e omitir os resultados das contas públicas.

Um pedido de impeachment elaborado por juristas pediu o afastamento de Dilma por “pedaladas fiscais” – manobras que o governo fez para maquiar as contas públicas. O então presidente da Câmara, Eduardo Cunha, um opositor de Dilma, aceitou o requerimento. O pedido de impeachment foi aprovado na Câmara em 17 de abril. No Senado, a admissibilidade do impeachment foi aprovada em 11 de maio, quando Dilma foi afastada do cargo. Seu vice, Michel Temer, assumiu a presidência.

Em agosto de 2016, o processo de Dilma foi julgado pelo Senado, em sessão presidida pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski. Por 62 votos a 20, o Senado decidiu a favor do impeachment, tirando Dilma definitivamente da Presidência. Uma manobra de aliados, entretanto, permitiu que Dilma não perdesse os direitos políticos por oito anos. (ÉPOCA ONLINE, 2016).

Infelizmente, o governo Dilma não obteve tanto sucesso como aponta os dados, em comparação ao governo anterior. A recessão na economia foi ainda maior em seu segundo mandato, no qual o governo passa a ser administrado pelo então atual presidente Temer.

3.2 VALOR DO DÓLAR DE 2010 A 2015

O comportamento do dólar frente ao real é de grande importância para o desenvolvimento das atividades de bens e serviços que compõem Balança Comercial. No Brasil pratica-se a taxa de câmbio flutuante, sendo inclusive a mais comum também na maioria dos demais países. Deste modo, a taxa de câmbio varia diariamente de acordo com o valor da moeda estrangeira, da demanda de estrangeiros pela moeda nacional e, principalmente, pela especulação dos investidores, tudo variando de acordo com a situação política e econômica do país.

Esse sobe e desce, embora determinado pelas forças do mercado, geram incertezas e preocupações principalmente quando falamos de produtos que tem uma grande demanda internacional, como soja, milho e a carne bovina. Essa é a grande importância do dólar no agronegócio. (FORMIGONI ONLINE, 2016).

A tabela a seguir destaca os valores do câmbio, de 2010 a 2015.

Tabela 1: Cotação do dólar em relação ao real – Brasil - 2010 a 2015.

ANO	US\$ / R\$	VAR. ANO	VAR. ACUM.
2010	R\$ 1,76	-11,9%	-9,7%
2011	R\$ 1,68	-4,8%	-14,0%
2012	R\$ 1,96	16,8%	0,4%
2013	R\$ 2,16	10,3%	10,7%
2014	R\$ 2,35	9,1%	20,8%
2015	R\$ 3,33	41,5%	71,0%

Fonte: farmnews.com

Elaboração: A Autora.

O valor do dólar frente ao real, conforme observado na tabela acima, a cada ano que passa favorece mais o mercado de exportação, principalmente do agronegócio, considerando a demanda internacional por produtos do setor primário existente e crescente.

No acumulado de 2007 a 2017 a cotação do dólar frente ao Real subiu de R\$1,95 para R\$3,19, uma alta de 63,9%.

Ao longo desse período, a cotação do dólar frente ao Real oscilou entre a mínima de R\$1,68 em 2011 e a máxima de R\$3,49 em 2016. (IVAN FORMIGONI ONLINE, 2016).

A economia mundial se estrutura ainda em torno da variação do câmbio, especialmente do dólar, a moeda norte americana. Com a valorização da moeda as exportações aumentam e também a elevada procura pela moeda.

3.3 A BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA DE 2010 A 2015

Pela evolução das relações entre os povos tem-se o desenvolvimento da integração entre os países em diversos aspectos: comerciais, produtivos e financeiros. Este envolvimento tem marcado a economia mundial em diversos aspectos.

Ivan Formigoni (2016), cita duas estratégias para o crescimento econômico de um país:

Aumento das exportações decorrentes das vantagens comparativas, voltando a economia para fora, possibilitando aumento de mercado consumidor e crescimento da renda; ou substituição das importações, o que caracteriza uma economia fechada, com existência de barreiras protecionistas que dificultam a comercialização com o exterior, onde nota-se o crescimento econômico baseado no mercado interno, com pouco crescimento das exportações, impedindo que a nação que adere essa estratégia tome proveito das mudanças que ocorrem mundialmente e acompanhe a evolução do comércio internacional. (FORMIGONI ONLINE, 2016).

Para representar a importação e exportação de bens entre os países utiliza-se a balança comercial. Uma das finalidades da interpretação da balança comercial consiste na avaliação do cenário favorável ou não para a exportação. Do contrário, diz-se que a balança é negativa ou desfavorável.

Para melhor compreensão de como a Balança Comercial brasileira se comporta, tem-se:

Quadro 1 - Possíveis comportamentos da balança comercial.

Superávit Da Balança Comercial	<p>Quando o total de exportações de bens e serviços for superior ao total de importações, registra-se um superávit no saldo da Balança Comercial. O superávit da Balança Comercial é um fator positivo na economia de um país, já que mostra que o mesmo está exportando (vendendo) mais bens e serviços do que está importando (comprando). O resultado positivo da Balança Comercial gera um lucro que pode ser utilizado para investir no próprio sistema econômico do país.</p> <p>Superávit da Balança Comercial = Exportações > Importações</p>
Déficit da Balança Comercial	<p>Quando o total de exportações de bens e serviços for inferior ao total de importações, registra-se um déficit no saldo da Balança Comercial. O déficit da Balança Comercial é um fator negativo na economia de um país, já que mostra que o mesmo está exportando (vendendo) menos bens e serviços do que está importando (comprando). O resultado negativo da Balança Comercial gera um prejuízo que deve ser coberto pelas reservas financeiras do país.</p> <p>Déficit da Balança Comercial = Importações > Exportações</p>
Taxa de Cobertura	<p>A razão entre o total de exportações e importações de um país indicam a taxa de cobertura das importações pelas exportações, ou, simplesmente, a taxa de cobertura. Essa taxa indica-nos em que percentagem as exportações pagam as importações.</p> <p>A taxa de cobertura é importante pois proporciona a noção exata do grau de (in)dependência comercial de um país em relação ao mercado externo, a um grupo de países ou a um único país.</p> <p>Taxa de Cobertura = Exportações / Importações</p>

Fonte: Advfn.com

Elaboração: A Autora.

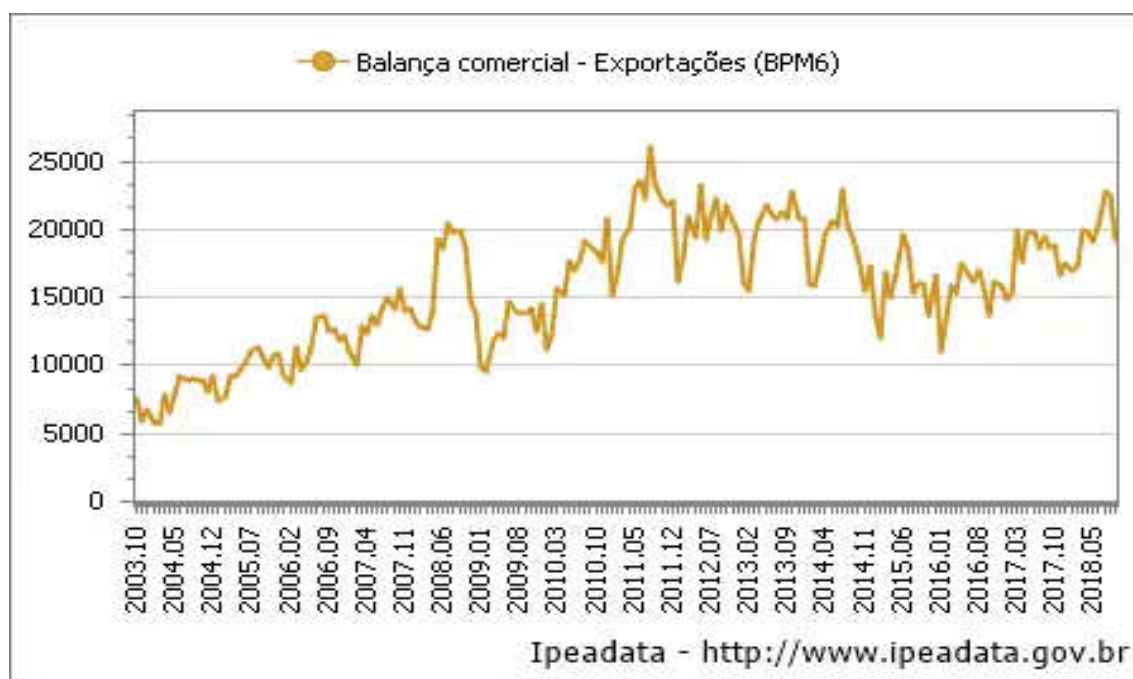
De acordo com Souza (1999), uma das consequências do aumento da base exportadora consiste no aquecimento do mercado interno do país, com isso, aumenta-se a renda interna, o consumo da população, e o desenvolvimento da indústria e comércio, contribuindo assim para a geração de novos empregos.

Ainda segundo Souza (1999):

As intensas trocas internacionais de bens, serviços, capitais, tecnologias e informações magnificam a concorrência e expõem a estrutura econômica interna a um alto grau de competitividade e eficiência, em relação às economias concorrentes. (SOUZA, 1999, p. 354).

Conforme observa-se no gráfico abaixo, a evolução da balança comercial é apresentada em frequência mensal, expondo o resultado e desenvolvimento dentro do período, onde, em 2010, apresentou o número de US\$11.261 milhões exportados e terminou o período de 2015 com US\$16.685 milhões exportados.

Figura 3 - Gráfico da balança comercial brasileira - Exportações. 10/2003 a 05/2018



Fonte: Banco Central.

Ademais, afirma-se ainda que o período de 2010 encerrou com recorde nas exportações, porém, seu superávit diminuiu, o que fica evidente no gráfico apresentado e na análise feita. (AEB, 2010).

Esses números mostram que houve uma recuperação dos estragos provocados pela crise financeira iniciada em fins de 2008 e que levou a um forte declínio do comércio internacional em 2009. Mas, em termos de correntes de comércio, denota-se que o crescimento observado em 2010 foi puxado de forma mais expressiva pelas importações, que tiveram taxa de aumento de 41,6%, do que pelas exportações, com taxa de expansão de 31,4%, ambas em comparação aos valores de 2009. Os níveis em 2010, tanto pelas importações como pelas exportações, superam os parâmetros de 2008, melhor resultado até então: importação +5% e exportação +2%. (AEB, 2010).

Já em 2011, o saldo comercial aumentou em função das altas nas cotações de *commodities*. No mesmo ano as exportações apresentaram crescimento

de 26,8% em relação ao ano anterior. Esse crescimento levou a um aumento inclusive após a crise de 2008, resultando no aumento de 29,4%, gerando assim um cenário favorável à exportação de *commodities*. (AEB, 2010).

Ao contrário do ocorrido no ano passado, quando as importações se expandiram a um ritmo mais acelerado do que as exportações, 12,3% e 31,9% respectivamente, em 2011 as vendas ao exterior voltaram a crescer de forma mais intensa, sendo ambos os valores recordes históricos.

*No tocante às médias diárias, as de exportação cresceram até agosto e depois apresentaram ligeiramente queda em setembro, outubro e novembro, e redução mais acentuada em dezembro. Já as médias diárias de importação foram ascendentes até novembro para em seguida se reduzir dramaticamente em dezembro. Ainda que esses valores observem o padrão marcado pelo desempenho das *commodities*, caso da exportação, e da economia doméstica, caso da importação, foi notável a queda da média de importação em dezembro, especificamente em agosto (US\$ 1.137,3) e importação em novembro (US\$ 1.059,6). (AEB ONLINE, 2010).*

No ano de 2012 foi registrado na balança comercial brasileira um *superávit* de US\$ 19,44 bilhões, deste modo, fechando US\$ 242,58 bilhões de bens e serviços exportados e US\$ 223,14 bilhões em importação.

Contudo, o valor do superávit de US\$ 19,438 bilhões da Balança Comercial no ano registrou a sua 2ª maior queda (- 34,8%), comparativamente ao resultado de 2011. Três outras quedas tinham sido registradas em 2007 (- 13,8%), 2008 (- 37,7 %) e 2010 (- 20,3%). Salvos estas exceções, os superávits comerciais tiveram variações para cima, desde 2001, quando se reverteu o ciclo de seis anos de déficits comerciais que se iniciara em 1995. O comércio externo brasileiro em 2012 também registrou o 2º ano em que exportações e importações se retraíram, simultaneamente. A primeira vez que isto ocorreu foi em 2009, considerada a série histórica 2001-2012. (AEB ONLINE, 2010).

No ano de 2013, a Balança Comercial brasileira registrou *superávit* de US\$ 2,56 bilhões. Nota-se que este foi um dos piores resultados do *superávit* desde o fechamento do ano de 2000.

No último ano, ainda segundo números oficiais, as exportações somaram US\$ 242,17 bilhões, com média diária de US\$ 957 milhões e queda de 1% frente ao ano anterior, ao mesmo tempo em que as importações totalizaram US\$ 239,61 bilhões no último ano – com média de US\$ 947 milhões por dia útil e alta de 6,5% sobre 2012. (MARTELLO ONLINE, G1, 2014).

Contudo, 2014 foi um ano em que as exportações superaram as importações, desta forma, registrando um *superávit* de US\$ 3,9 bilhões, - este foi o primeiro desde 2000.

Para o secretário de Comércio Exterior, Daniel Martelo Goldinho, três fatores que contribuíram com o déficit de 2014:

queda no preço das commodities maior que a esperada, principalmente do minério de ferro; crise econômica na Argentina, país que é um dos nossos principais compradores; e os gastos do Brasil com importação de combustíveis, que apresentaram melhora no ano passado, mas ainda são considerados muito elevados. (MARTELLO ONLINE, G1, 2014).

Já a Balança Comercial do ano de 2015 teve o melhor saldo em quatro anos, seu superávit nas exportações atingiu o número US\$ 19,6 bilhões, sendo considerado o maior desde 2011, em virtude da recessão econômica do ano e o alto valor do dólar, ocorrendo a diminuição das importações.

No ano passado, o saldo das transações comerciais do Brasil com o resto do mundo somou US\$ 19,69 bilhões. Foi o maior valor para um ano fechado desde 2011, quando o superávit comercial somou US\$ 29,79 bilhões.

Em 2012 e 2013, houve um saldo positivo de, respectivamente, US\$ 19,39 bilhões e de US\$ 2,28 bilhões. Em 2014, foi contabilizado um déficit - importações maiores do que vendas externas - de US\$ 4,05 bilhões (número revisado).

Nós sempre compartilhamos com vocês que a desvalorização cambial [alta do dólar] impulsiona, em especial, a exportação de manufaturados. Esse processo toma tempo. O comportamento de cada grupo é diferente. Temos sinais de impacto positivo do cambio sobre as exportações sobre automóveis e têxteis (...) Houve impacto parcial do cambio sobre as exportações em 2015", declarou secretário de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Daniel Godinho. (MARTELLO ONLINE, G1, 2014).

Tabela 2 - Comportamento da balança comercial - Brasil - 2010 a 2015 (em bilhões de dólares)

BALANÇA COMERCIAL 2010-2015	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO MENSAL	TAXA DE COBERTURA
2015	191,134	171,453	19,681	114,79
2014	225,101	229,060	-3,959	98,27
2013	242,178	239,617	2,561	101,07
2012	242,468	223,142	19,438	108,71
2011	256,041	226,251	29,790	113,17
2010	201,916	181,638	20,278	111,16

Fonte: Advfn.com

Tabela 3 - Exportação dos principais gêneros agrícolas na Balança Comercial brasileira - Brasil - 2010 a 2015 - (em bi dólares).

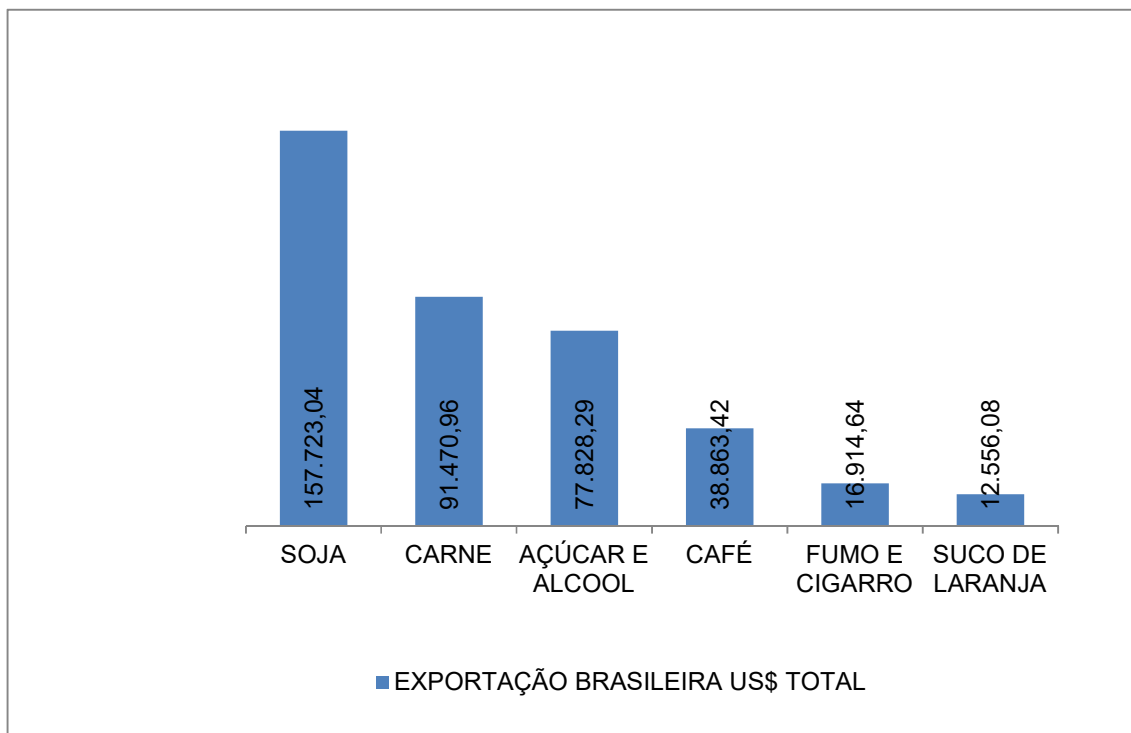
EXPORTAÇÃO BRASILEIRA US\$			
ITEM	2010	2011	2012
SOJA	17.114.802.266,00	24.154.416.375,00	26.121.994.587,00
CARNE	13.291.999.270,00	15.356.702.032,00	15.266.425.399,00
AÇÚCAR E ÁLCOOL	13.775.943.538,00	16.431.892.900,00	15.030.764.620,00
CAFÉ	5.738.736.095,00	8.700.412.536,00	6.438.578.834,00
FUMO E CIGARRO	2.762.245.963,00	2.935.186.975,00	3.256.987.488,00
SUCO DE LARANJA	1.774.758.880,00	2.376.170.174,00	2.276.437.055,00
ITEM	2013	2014	2015
SOJA	30.965.499.535,00	31.407.621.322,00	27.958.701.158,00
CARNE	16.272.169.022,00	16.891.101.631,00	14.392.559.243,00
AÇÚCAR E ÁLCOOL	13.710.848.730,00	10.357.010.076,00	8.521.827.808,00
CAFÉ	5.247.854.767,00	6.615.976.887,00	6.121.857.286,00
FUMO E CIGARRO	3.272.138.242,00	2.501.867.835,00	2.186.216.762,00
SUCO DE LARANJA	2.295.367.984,00	1.966.087.424,00	1.867.263.191,00

Fonte: MDIC.

Conforme dados apresentados, observa-se claramente o quanto a soja é importante para a Balança Comercial, uma vez que é o produto com maior volume de exportação. Ademais, a soja é o produto que ocupa mais áreas de cultiváveis no território brasileiro, sendo reflexo de seu desempenho tanto o volume, quanto o faturamento. A exportação de soja obteve seu apse até 2014 onde foi a sua maior crescente, obteve uma queda no ano seguinte em suas exportações.

Logo em seguida, considera-se a participação da carne, com um destaque especial para o cultivo de bovinos e aves. As carnes ainda prevalecem entre os produtos agrícolas mais exportados no Brasil. Alguns especialistas estimam que a carne brasileira ainda cresça o suficiente para liderar a metade da exportação mundial deste tipo de produto. A exportação de carne obteve grande crescimento até o ano de 2014, onde foi seu maior número referente a exportação, porém, em 2015 decresceu.

Figura 4 - Gráfico da participação dos principais gêneros agrícolas nas exposições brasileiras. Acumulado de 2010 e 2015 – (em US\$)



Fonte: Dados da Exportação Brasileira.

Fonte: Elaboração da autora.

O açúcar e álcool são um dos produtos brasileiros que conquistaram espaço tanto no mercado externo quanto no mercado interno. O açúcar foi o primeiro produto produzido no Brasil em larga escala, conforme afirmam registros históricos de quando os portugueses chegaram no Brasil.

Ainda, conforme demonstrado no gráfico, os derivados da cana de açúcar ocupam uma posição de destaque entre os produtos mais exportados pelo país, tanto pelo uso culinário quando pela produção do etanol. A exportação do açúcar e álcool obteve diferentes oscilações dentro do período de 2010 a 2015.

Na sequência vem o café em grãos. No Brasil, as condições climáticas e os períodos de entressafra do grão entre os anos de 2010 a 2015 foram um obstáculos ao aumento das exportações. Já a exportação de café trabalhou com um aumento até 2013 e logo nos dois anos subsequentes tiveram em queda.

O fumo e o cigarro, por sua vez, são produzidos em áreas menores, ainda assim, o fumo em folha é um dos grandes produtos exportados pelo Brasil.

Diante do forte marketing contra o tabaco, a tendência é de que este produto diminuía cada vez mais, gerando a migração de diversas famílias dependem do cultivo do tabaco para sua subsistência.

O fumo e o cigarro obteve um resultado similar ao do café, onde cresceu nas exportações até o ano de 2013 e logo em seguida decresceu nos dois anos seguintes.

Assim, há uma grande participação dos produtos agrícolas na Balança Comercial brasileira, restando evidente sua essencial participação no fomento da economia brasileira, gerando empregos, produção e renda para a sociedade brasileira, bem como, o atendimento de seu papel social, qual seja, o abastecimento dos demais países com produção alimentícia limitada ou mesmo inexistente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do período escolhido de 2010 a 2015, permitiu apresentar algumas considerações, de acordo com a visão da pesquisadora sobre o tema abordado.

O Brasil apresentou resultados bem mais expressivos principalmente em 2011 e 2015, em relação aos demais períodos observados, onde as exportações superaram as importações no país. Coincidentemente trata-se do primeiro ano de cada mandato da presidente Dilma.

A participação do governo vigente na economia do país demonstra o desenvolvimento de uma economia retraída, principalmente com o início da emissão de crédito rural para os produtores agrícolas. Demonstrando assim o início de não apenas um começo de uma crise econômica, mas também o surgimento de uma crise de confiança provocada pelas ações do governo.

A análise do potencial agrícola do país fica nítido que o mesmo possui uma grande tendência ao crescimento, com a ajuda de uma política de expansão e incentivos, não apenas para as exportações, mas para a produção e abastecimento interno.

Com a desvalorização do Real perante o Dólar, a taxa de câmbio foi uma variável a mais a favorecer as exportações agrícolas, o que por sua vez, também, contribuiu para o aumento de suas reservas internacionais. A análise do potencial brasileiro a curto prazo sintetiza uma curva onde vinha crescente e foi levemente se abalando devido o estado político vigente, construindo assim uma dependência da economia brasileira em função do desempenho do governo. O que demonstra um real grau de risco para o futuro da economia do Brasil.

Nota-se que do início do século XX até o final da década de 40. O Brasil era um país predominantemente rural. Era um país dominado por elites políticas ligadas ao agronegócio e, portanto, agroexportador. A partir de 1930 ocorreu uma mudança estrutural na economia: o país iniciou sua industrialização financiada em boa parte pela exportação cafeeira. A partir da década de 50 o Brasil prosseguiu com sua mudança estrutural rumo á industrialização. Deste modo adotou o modelo econômico de Industrialização por Substituição de Importações,

protegendo assim a indústria nacional e ainda implantou uma ampla infraestrutura de transporte, comunicação e energia baseada em planos do governo que, visando o longo prazo, não tiveram continuidade no tempo, esgotando-se no início dos anos 1980.

A abertura comercial do Brasil com o resto do mundo resultou em uma execução mais forte da política e do governo regente. Concluindo, o análise do desempenho da Balança Comercial entre o período de 2010 á 2015 sugere que os resultados obtidos ao longo do período foram consequências da sua respectiva decisão e ações de políticas econômicas, tomadas e realizadas durante os respectivos processos históricos, o que resultaram no desempenho do setor agrícola.

Vale finalizar ressaltando a importância da agregação de valor ao produto agrícola brasileiro, para ampliar e fortalecer a balança comercial, melhorando as relações de trocas, tema a ser explorado em futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5 Gráficos Para Entender A Recessão Que Virou Depressão. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/5-graficos-para-entender-a-recessao-que-virou-depressao/>>. Acesso: 17 ago. 2018.

Almanaque Brasil Socioambiental. Disponível em: <https://books.google.com.br/?id=ggD3ln5t_FIC&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>. Acesso: 28 ago. 2018.

Análise da Balança Comercial Brasileira 2010. Disponível em: <<http://www.aeb.org.br/userfiles/file/An%C3%A1lise%20da%20Balan%C3%A7a%20Comercial%20Brasileira%202010.pdf>>. Acesso: 02 set. 2018.

ARAUJO, M. J. Fundamentos de Agronegócios. 3 Ed. São Paulo. Editora: Atlas. 2010. P. 18.

Balança Comercial Tem O Marco Da História, Com Superávit De US\$ 4,4 Bil. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/04/balanca-comercial-tem-o-melhor-marco-da-historia-com-superavit-de-us-4-4-bi>>. Acesso: 13 ago. 2018.

Balança Comercial - Exportações (Nova Metodologia BPM6). Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/ExibeSerie.aspx?serid=38403>>. Acesso: 30 ago. 2018.

Balança Comercial Brasileira. Disponível em: <<https://br.advfn.com/indicadores/balanca-comercial/brasil>>. Acesso: 08 set. 2018.

Balança Comercial Disponível em: <<https://br.advfn.com/indicadores/balancacomercial>>. Acesso: 27 ago. 2018.

Balança Comercial Registra Em 2013 Pior Resultado Em Treze Anos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/01/balancacomercial-registra-em-2013-pior-resultado-em-doze-anos.html>>. 03 set. 2018.

Balança Comercial Registra Em 2014 Primeiro Déficit Desde 2000. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/01/balanca-comercial-registra-em-2014-primeiro-deficit-desde2000.html>>. Acesso: 04 set. 2018

Balança Comercial Tem Em 2015 Melhor Saldo Em 4 Anos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/01/com-alta-de-importacao-e-balanca-tem-em-2015-melhor-saldo-em-4-anos.html>>. Acesso: 05 set. 2018.

Brasil Supera Canadá e se Torna Maior Exportador Agrícola. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-supera-canada-e-se-torna-o-terceiro-maior-exportador-agricola,520620-Citação-Online?>>. Acesso: 20 nov. 2018.

Ciclo Da Cana-De-Açúcar. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/ciclo-da-cana-de-acucar/>>. Acesso: 10 ago. 2018

Cotação Do Dólar Frente Ao Real, Média Anual Na Última Década! Disponível em: <<http://www.farmnews.com.br/mercado/dolarfrente-ao-real-2/>>. Acesso: 26 ago. 2018.

Dados Econômicos Da Era Dilma: De Chorar! Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/blogs/economia-a-vista/dados-economicos-da-era-dilmadechorar/>>. Acesso: 20 ago. 2018.

Dilma Rousseff Primeira Mulher A Ser Eleita Presidente No Brasil, Dilma Sofreu Impeachment No Congresso [...]. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tudo-sobre/noticia/2016/06/dilma-rousseff.html>>. Acesso: 15 ago. 2018.

Dólar No Agronegócio: Importância E Volatilidade! Disponível em: <<http://www.farmnews.com.br/mercado/dolar-no-agronegocio/>>. Acesso: 25 ago. 2018.

FONTANA, Josep; REICHEL, Heloisa Jochims. Introdução ao estudo da história geral. Editora: EDUSC. Bauru. 2000.

Inflação Oficial Fecha 2017 Em 2,95%. Disponível em: <<https://cacb.org.br/inflacao-oficial-fecha-2017-em-295/>>. Acesso: 23 ago. 2018.

MAGALHÃES FILHO, FRANCISCO. História Econômica. Editora: Saraiva. São Paulo. 1987.

Página Inicial - Banco Central do Brasil. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/home>>. Acesso: 29 ago. 2018.

Produtores Investem Em Técnicas Para Reduzir Custos Em Canaviais De SP. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2017/04/produtores-investem-em-tecnicas-para-reduzir-custos-em-canaviais-de-sp.html>>. Acesso: 10 nov. 2018.

REGO, José Marcio. MARIA, Rosa. Formação Econômica do Brasil. Editora: Saraiva. 2003.

ROMERO, Juan Ignacio. Questões agrária: latifúndio ou agricultura familiar a produção familiar no mundo globalizado. Editora: Moderna. São Paulo. 1998.

Soja, Cana E Pecuária Avançam Sobre O Centro-Oeste. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/ju/558/sojacanae-pecuaria-avancam-sobre-o-centro-oeste>>. Acesso: 12 ago. 2018.

SOUZA, Nali Jesus de. Desenvolvimento Econômico. 4ª Ed. Editora: Atlas. São Paulo. 1999.